
“Começou a lacração”: uma análise da recepção do discurso contra a LGBTfobia no futebol¹

Rafaela Cristina de Souza²
Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG

Resumo

Este trabalho busca compreender a reverberação da luta contra a LGBTfobia no futebol, especialmente a partir do surgimento de torcidas e coletivos LGBTQIA+ e dos posicionamentos dos clubes após a recomendação do STJD em 2019³. Tendo em vista o aumento de publicações em datas ligadas à comunidade LGBTQIA+, a análise utiliza a metodologia do Circuito do Protesto (Cammaerts, 2018) e, neste trabalho, tem como foco a recepção do discurso contra a LGBTfobia em uma postagem do Cruzeiro no Instagram sobre o Dia Internacional do Combate à LGBTfobia. Os resultados demonstram que, de modo geral, há uma crítica na aproximação dos clubes com tal temática, com argumentos que minimizam a importância do debate e apontam que o clube deve se preocupar apenas com o desempenho esportivo.

Palavra-chave: futebol; culturas torcedoras; LGBTfobia; recepção.

Introdução

Este trabalho traz um recorte de uma pesquisa de Mestrado acerca dos tensionamentos e representações da luta contra a LGBTfobia e outras opressões no futebol⁴ mineiro. De modo geral, esse é um esporte que (re)produz uma lógica normativa, machista e heterossexista (Bandeira, 2017), o que afasta não só pessoas LGBTQIA+⁵, como também as mulheres — e reflete no histórico de proibição da modalidade (Bonfim, 2019), na invisibilidade na mídia jornalística e na própria prática do torcer (Mendes, 2015). Tal contexto dialoga com a forma com que gênero e sexualidade são vistos na sociedade, a partir de uma lógica binária e heteronormativa (Butler, 2018), o que reflete na constante hierarquização das masculinidades viris.

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Esporte, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da UFMG. Jornalista. Integrante do Coletivo Marta (Grupo de Pesquisa em Comunicação e Culturas Esportivas). E-mail: souzacrafaela@gmail.com.

³ Segundo a Recomendação nº 01/2019 do Superior Tribunal de Justiça Desportiva do Futebol (STJD), os clubes e federações devem realizar campanhas educativas junto aos torcedores, atletas e demais participantes das competições a fim de evitar a ocorrência de comportamentos e atos considerados discriminatórios em razão da “opção sexual”. Disponível em: <https://www.stjd.org.br/resultados-julgamento/noticias/stjd-emite-recomendacao-contr-homofobia>.

⁴ Reconheço, como destaca Camargo (2020), que existem vários futebóis. No entanto, aqui me refiro ao futebol profissional, espetacularizado e midiático — e historicamente protagonizado por homens cis-heterossexuais.

⁵ Uso a sigla LGBTQIA+ para me referir a lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros, transexuais, travestis, *queers*, intersexuais, pansexuais, pessoas não-binárias e outras minorias cujas identidade de gênero e orientação sexual não são cis-heteronormativas. Conforme Quinalha (2024) aponta, não há consenso sobre qual a sigla mais adequada e, portanto, o uso do “+” ajuda a não limitar ou excluir nenhuma existência.

Apesar disso, muitas dessas pessoas seguem torcendo por seus clubes do coração, como aponta a ação de diversas torcidas/coletivos que lutam por um futebol mais diverso, como as duas torcidas analisadas no âmbito desta pesquisa (Resistência Alvinegra, do Atlético Mineiro; e Marias de Minas, do Cruzeiro) e de outras investigações (Pinto, 2017; Anjos, 2022; Vimieiro, 2022). Nesse sentido e a partir do modelo teórico-metodológico do Circuito do Protesto (Cammaerts, 2018), este trabalho apresenta um recorte sobre a circularidade desses tensionamentos em relação ao caráter heterossexista do futebol a partir da análise da recepção de uma campanha do Cruzeiro sobre o Dia Internacional da Luta Contra a LGBTfobia em 2022⁶.

A recepção torcedora sobre a luta contra a LGBTfobia

Com a coleta de 2700 comentários, realizamos um cálculo de amostra⁷ representativa do total de comentários válidos (2563, sem os comentários ocultos) e selecionamos aleatoriamente 335 comentários para a análise, considerando sempre aqueles que não tinham apenas emojis. Desses 335 comentários, 107 (31,94%) eram de apoio à publicação do Cruzeiro, sendo que a maioria (56) traz mensagens que apontam o orgulho em ver o clube do coração se posicionando contra a LGBTfobia, com respostas que chamam o clube de “gigante” e “clube de verdade”. A maior parte dos comentários (228 ou 68,06%) foi contrária ao posicionamento do Cruzeiro com um argumento de que o clube deve se preocupar apenas em vencer as partidas e voltar para a primeira divisão do Campeonato Brasileiro de Futebol Masculino (79) — com a minimização do tema com termos como “lacração” e “militância”. Outra categoria parecida reúne 32 comentários que também apontam que o futebol não é lugar para esse tipo de debate, sem uma menção específica ao Cruzeiro, mas com uma crítica ao futebol no geral, afirmando que o esporte não deve se “misturar” com pautas como essa, inclusive porque o que acontece nas arquibancadas é algo a parte, como se tudo fosse permitido.

Diante dos resultados, ressaltamos como a LGBTfobia não é vista como algo sério e sim como mera brincadeira, especialmente porque não há uma violência explícita, mas simbólica (Bandeira; Seffner, 2013), ou porque nas arquibancadas “tudo

⁶ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CdqM6Wrrisq/>. Acesso em: 18 jun. 2025.

⁷ Este recorte apresenta um grau de confiança de 95% e 5% de margem de erro.

pode”. No entanto, como salienta Anjos (2022), mesmo que esses cânticos não tenham significado fixo, eles “carregam rastros de histórias de ódio e desprezo. É justamente por isso que essas expressões funcionam como insultos ou formas de escárnio, pois são códigos que reconhecemos como negativo” (p. 270). De modo geral, a rejeição ao tema da LGBTfobia é fruto de todo o processo de construção do esporte enquanto algo viril, ligado a um ideal de masculinidade hegemônica, influenciado pela matriz binária e heteronormativa (Butler, 2018) que segue sendo a norma dentro da nossa sociedade. Conforme destacam Bandeira e Seffner (2013), “Os estádios de futebol se constituíram, historicamente, como um espaço legitimado para os homens e, também, num espaço de construção da masculinidade” (p. 253) e, portanto, dentro dessa lógica, é inaceitável que existam pessoas LGBTQIA+ no próprio time, apenas na torcida rival, em um jogo de hierarquização dessa masculinidade viril e não viril — tendo a carga negativa sempre direcionada ao *Outro*.

Referências

- BANDEIRA, Gustavo Andrada; SEFFNER, Fernando. Futebol, gênero, masculinidade e homofobia: um jogo dentro do jogo. **Espaço Plural**, Toledo, v. 14, n. 29, p. 246-260, 2013.
- BANDEIRA, Gustavo Andrada. **Do Olímpico à Arena: elitização, racismo e heterossexismo no currículo de masculinidade dos torcedores de estádio**. 2017. 342f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.
- BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”. In: LOURO, Guacira Lopes. (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2018, p. 191 - 219.
- CAMARGO, Wagner Xavier de. Dimensões de gênero e os múltiplos futebolis no Brasil. In: GIGLIO, Sérgio Settani; PRONI, Marcelo Weishaupt. (Orgs.). **O futebol nas ciências humanas no Brasil**. Campinas: Editora da Unicamp, 2020.
- CAMMAERTS, Bart. **The Circulation of Anti-Austerity Protest**. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2018.
- MENDES, Bárbara Gonçalves. **Flávias, Fernandas e Marias, sem chuteiras: A inserção de mulheres em Torcidas Organizadas de Futebol de Belo Horizonte/MG**. 2015. 178f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.
- PINTO, Maurício Rodrigues. **Pelo direito de torcer: das torcidas gays aos movimentos de torcedores contrários ao machismo e à homofobia no futebol**. 2018. 126f. Dissertação (Mestrado

em Ciências) – Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

QUINALHA, Renan. **Movimento LGBTI+**: uma breve história do século XIX aos nossos dias atuais. Belo Horizonte: Autêntica, 2024.

VIMIEIRO, Ana Carolina. Midiatização e futebol: dinâmicas digitais do torcer no Brasil. *In*: SILVA, Silvio Ricardo da. ANJOS, Luiza Aguiar dos. DANTAS, Marina de Mattos; SALDANHA, Renato Machado. (Org.). **Torcidas organizadas brasileiras e coletivos de torcedores**: um perfil nos dias atuais. Campinas: Mercado das Letras, 2023.